

A CORRIDA DA FÉ

A CORRIDA DA FÉ

Encontre em Deus graça
e força para perseverar

TRILLIA J. NEWBELL

Traduzido por Luciana Chagas

MC
mundocristão

Copyright © 2019 por Trillia J. Newbell
Publicado originalmente por InterVarsity Press, Downers
Grove, Illinois, EUA.

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo as seguintes indicações: *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª edição (RA), da Sociedade Bíblica do Brasil; e *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblia Internacional.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

N436c

Newbell, Trillia J.

A corrida da fé : encontre em Deus graça e força para perseverar / Trillia J. Newbell ; tradução Luciana Chagas. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2021.

208 p.

Tradução de: Sacred endurance : finding grace and strength for a lasting faith
ISBN 978-65-86027-98-3

1. Perseverança (Ética). 2. Vida cristã. I. Chagas, Luciana. II. Título.

21-70593

CDD: 248.4

CDU: 27-584

Edição
Daniel Faria

Revisão
Natália Custódio

Produção e diagramação
Felipe Marques

Colaboração
Ana Luiza Ferreira

Capa
Douglas Lucas

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Inspiração

1ª edição: agosto de 2021

*Para Thern,
meu esposo, meu amigo,
meu companheiro de jornada
na corrida que foi posta diante de nós,
esperando em Jesus e fixando
os olhos nele — juntos.
O Senhor estará conosco até o fim
e, então, para todo o sempre.*

Sumário

.....

1. Chamados a correr	9
2. Jesus e a nuvem de testemunhas	22
3. Motivos corretos	35
4. A verdadeira vida cristã	47
5. Nossa mente e a perseverança	63
6. A sociedade e o mundo em que vivemos	86
7. O coração necessita, a força provê	104
8. Avançando nas disciplinas práticas	117
9. Quebrantado e contrito	138
10. Não vá sozinho	151
11. Cair e levantar-se	163
12. Em busca do prêmio	173
<i>Apêndice: E o que dizer daqueles que não perseveraram até o fim?</i>	187
<i>Questões para discussão</i>	193
<i>Agradecimentos</i>	201
<i>Notas</i>	203

1

Chamados a correr

.....
[...] prossigo para o final da corrida, a fim de receber o prêmio celestial para o qual Deus nos chama em Cristo Jesus.

FILIPENSES 3.14
.....

Em 28 de agosto de 1963, Mahalia Jackson subiu ao palco e usou sua bela e comovente voz para encorajar mais de 250 mil homens e mulheres reunidos no Lincoln Memorial por ocasião da Marcha sobre Washington, evento em defesa dos direitos civis e econômicos dos afro-americanos.

Mahalia suportou diversas dificuldades enquanto esteve envolvida na causa dos direitos civis, cantando e oferecendo auxílio financeiro ao movimento. À medida que suas canções *gospel* foram ganhando cada vez mais popularidade, ela recebeu ameaças de morte de pessoas que viviam na pacata vizinhança onde morava, em Chicago. Naquele dia, no Lincoln Memorial, ela teve participação fundamental na criação do mais famoso discurso de Martin Luther King Jr., “Eu tenho um sonho”. Reporta-se que Mahalia bradou detrás do púlpito: “Fale a eles sobre o sonho, Martin. Fale a eles sobre o sonho!”. Tal apelo o levou a sacar suas anotações e a utilizar o refrão “Eu tenho um sonho”.

O papel de Mahalia Jackson na história, papel que inclui a música *gospel* e o movimento pelos direitos civis mas não se limita a isso, é significativo, embora pouco conhecido. Ela se

dedicou a viver o evangelho e a entoar louvores a Deus. Naquele dia, apresentou duas canções. A primeira, “How I Got Over” [Como sobrevivi], é uma canção de perseverança em meio à adversidade e descreve tempos difíceis que a própria cantora viveu. Como ela “sobreviveu”? Olhando para Jesus, aquele que sofreu e morreu em seu favor. Eis como Mahalia reconheceu, pela música, seu Salvador:

Quero agradecer a ele, pois me conduziu...

Oh, agradeço ao meu Deus, pois ele me sustentou.

Serei grata a ele, pois nunca me deixou.¹

Depois de uma vida de provações terríveis e misericórdia excepcional, ela completou a corrida em janeiro de 1972, aos 60 anos.²

Correndo a corrida

Você também corre por sua vida. Isso pode causar surpresa a você que está aí sentado em uma poltrona confortável ou lendo este livro relaxadamente em uma cafeteria, mas é uma verdade. Trata-se de uma corrida que requer tudo de você, e não é nada fácil. Mahalia Jackson corria pela própria vida, e a música que cantou para aquela imensa multidão fez as pessoas pensarem que estavam, também, em uma corrida. Mahalia cantou admirando-se da própria sobrevivência durante todos aqueles anos de lutas e reveses. Então, ela explicou o que aconteceu, e essa mesma explicação fará com que você e eu sobrevivamos.

Pode ser que você não enfrente conflitos segregacionistas nem ameaças de linchamento, mas também terá de perseverar.

Existirão lutas no caminho. De fato, é bem possível que elas já existam.

Uma das maiores mentiras acerca da fé cristã é a de que se trata de algo fácil. Entretanto, Deus não nos promete isso. Ele nunca disse que não haveria problemas. As coisas ameaçam nos derrubar durante a corrida: alguém que amamos desonra o leito conjugal e se une a outra pessoa; Deus parece fazer prosperar aqueles que agiram mal conosco. As dúvidas povoam nossa mente, e nos perguntamos se a Palavra de Deus é real. Será que Deus fala a sério? Quando a vida parece embotada e coisas para além de Deus parecem trazer, mesmo que momentaneamente, mais alegria e satisfação, surpreendemo-nos em falta quanto à frequência na igreja, quanto mais à prática de pensar em Deus.

Você e eu estamos numa corrida.

Nos anos mais recentes, vi casais amigos meus se separarem. Falei com pais e mães cujo filho adolescente deixou de crer em Deus. Vi igrejas quase se dividindo e acompanhei o rompimento de relações.

E há, ainda, os altos e baixos da vida cotidiana. Às vezes, a corrida parece quase não demandar esforço, como se pudéssemos seguir indefinidamente com um vento de cauda que nos move para a frente. Mas, outras vezes, movemo-nos com dificuldade ou mesmo somos incapazes de dar o próximo passo.

No contexto do meu país, é fácil sentir-se confortável acerca da própria fé. Podemos ser culturalmente bons, mas espiritualmente mortos. Contudo, há uma razão para o fato de a Bíblia muitas vezes referir-se à vida cristã como sendo uma corrida. Há muita coisa em jogo, e chegar ao final requer mais confiança e empenho do que gostaríamos de admitir. Nossa integridade, nosso testemunho e até nossa própria vida estão em disputa.

Então, há a graça, disponível a cada passo que damos, a cada ato de fé, a cada decisão pela obediência. Tudo o que fazemos é coberto pela graça de Deus e escorado nela. Felizmente, o prêmio que ganhamos ao final dessa corrida é mais que digno da perseverança que ela demanda.

Quero compartilhar uma história com você, um relato sobre uma corrida de que participei. É possível que você tenha algum tipo de recordação parecido, relacionado a dedicação atlética ou batalha mental. Isso pode fazê-lo lembrar em que consistem a vida e a fé e como é descobrir o que significa correr de modo a glorificar a Deus.

Foi a corrida de uma vida toda — ao menos foi assim que pareceu à jovem de 17 anos responsável pelo último trecho da corrida de revezamento 4×400 sediada no maior ginásio do estado onde morava. Eu era a última corredora, ou seja, o revezamento terminava em mim. Minha atuação coroaría os esforços das minhas colegas de equipe e, então, o resultado seria divulgado assim que eu cruzasse a linha de chegada. Quando chegou a minha vez, a impressão que tive era a de carregar o mundo nas costas. Será que eu conseguiria manter o ritmo impecável ao atravessar a raia, sem que meu corpo sucumbisse? Eu havia treinado inúmeras vezes e sabia como cuidar do meu ritmo, mas, uma vez que minha equipe estava em primeiro lugar (liderando um dos times mais rápidos de todo o estado), a adrenalina e o nervosismo tomaram conta de mim.

Enquanto esperava minha colega completar a volta dela, o sol batia em cheio sobre minha cabeça, a ponto de fazer pingar suor de meu queixo. Essa terceira corredora fez a última curva e despontou na reta em que me passaria o bastão. Quando estávamos a meros vinte metros de distância uma

da outra, comecei a correr, controlando o passo até que nos aproximássemos, eu pegasse o bastão e assumisse meu turno na corrida, como havíamos treinado incontáveis vezes. Bastão na mão, agora meu cérebro gritava um recado bastante simples: corra!

Arranquei, acelerando o mais rápido que conseguia. Minhas pernas começaram a se mover a uma velocidade jamais experimentada antes. Ao dobrar a primeira curva, eu ainda tinha muita energia para gastar. Aprumei o corpo sentindo-me forte e, então, concluí bem a última curva. Porém, quando restavam apenas cem metros, algo aconteceu: minhas pernas começaram a vacilar, e minha habilidade de tirar os pés do chão e descê-los de volta diminuiu enormemente.

Senti como se estivesse correndo na lama. A cada passo, um esforço absurdo. Podia me perceber cada vez mais vagarosa — comparando com o modo como comecei, era como se agora estivesse em câmera lenta —, mas não desisti. A multidão estava em pé, gritando e apontando em minha direção. Mantive uma boa liderança nos trezentos primeiros metros, mas agora havia outra corredora em meu encalço, quase me alcançando. A cada passo que me aproximava da linha de chegada, eu experimentava grande alívio e grande dor.

Faltava tão pouco... será que eu conseguiria chegar ao final? Eu podia até mesmo sentir o gostinho daquilo. Podia vislumbrá-lo. Será que eu conquistaria o prêmio almejado pela minha equipe?

Sim! Cruzei a linha de chegada e desabei. Embora eu estivesse exausta, éramos campeãs estaduais. Ainda hoje, quando me lembro dessa corrida, perco o fôlego e não consigo deixar de esboçar um sorriso. Nem acredito que a concluí. Se soubesse o que me esperava, não sei se teria começado a prova.

Mas a pressão excruciante dos últimos cem metros foi compensada pela alegria de ver minha equipe sendo campeã.

A provisão de Deus durante a corrida

De modo semelhante, somos chamados a uma corrida espiritual, uma corrida sagrada, e Deus suprirá tudo de que necessitarmos para corrê-la. A “corrida que foi posta diante de nós” é a vida cristã (Hb 12.1-2). Mais especificamente, é a esperança que depositamos em Jesus enquanto nos agarramos à nossa confissão, confiando naquele que é fiel (6.18; 10.23). Nossa esperança é chegar ao fim de nossos dias dizendo: “Lutei o bom combate, terminei a corrida e permaneci fiel” (2Tm 4.7). Esse é o nosso objetivo final, a nossa linha de chegada. E ansiamos pelo prêmio que receberemos ao final dessa grande corrida.

Assim como aquela prova de que participei, a vida cristã é uma corrida que terá seu fim. Um dia, viveremos em plena glória na companhia de Cristo. Receberemos um prêmio quando a corrida terminar. Mas, até lá, devemos aprender como correr, resistir, perseverar e alcançar a linha de chegada.

A corrida da fé não é fácil; ela demanda empenho — por vezes, um esforço significativo, do tipo complete-os-últimos-cem-metros. Há muita alegria, mas também pode haver dor. É possível que cheguemos a cair e, certamente, haverá conflitos, pelo que, em alguns momentos, desistir é algo tentador. Por isso, precisamos aprender a condicionar mente, alma e corpo para a corrida que nos foi proposta.

As Escrituras são repletas de histórias de santos que resistiram até o fim, ainda que tropeçassem pelo caminho. Ora tropeçavam por causa de seu próprio pecado, ora eram sacudidos pelas provações da vida. Minha mente sempre se volta

para o apóstolo Paulo, que suportou prisões, espancamentos, zombarias e traição, tudo isso por Jesus. O que o motivou a continuar correndo? Talvez tenha sido o prêmio. Como vemos em Filipenses 3.14, ele também continuou porque havia sido chamado à corrida e entendeu essa convocação.

Antes de analisar esse texto, vamos dar uma olhada no que dizem as Escrituras antes dele. Paulo estava alertando a igreja em Filipos a vigiar quanto àqueles que atribuíam às obras da lei o crescimento em santidade e depositavam neles mesmos sua confiança e segurança. Em oposição, você e eu não devemos colocar “nenhuma confiança nos esforços humanos” (Fp 3.13). O apóstolo, então, expõe que ele mesmo poderia ter confiado na carne, se assim desejasse, visto que seu histórico de fariseu e perseguidor da igreja era considerado honroso no primeiro século (Fp 3.4-7). Contudo, ele relata ter reputado tudo isso como lixo; era tudo uma porcaria quando comparado com o que ganhara ao conhecer a Cristo e nele ser encontrado (Fp 3.8-10). Paulo faria qualquer coisa para se tornar como seu Salvador e obter o prêmio de viver com Cristo por toda a eternidade (Fp 3.11).

O apóstolo ainda não havia alcançado seu grande galardão, mas, enquanto esperava por isso, mostrava-se disposto a sofrer, a negar a si mesmo e a morrer pelo nome de Jesus. Havia um motivo. Paulo tinha clareza quanto ao alvo, e também tinha visão. Sabia que o caminho para aquele alvo era cheio de obstáculos, mas valia a pena. Paulo prosseguiu em direção à sua meta “a fim de receber o prêmio celestial para o qual Deus nos chama em Cristo Jesus” (Fp 3.14).

Nas próximas páginas, você e eu refletiremos bastante sobre a corrida e sobre como terminá-la. E é bom que tenhamos em mente que somos chamados a correr. Quando meu

técnico me convidou para correr naquela competição, aquilo mudou minha condição de atleta individual. Eu já não representava a mim mesma, mas a escola e a equipe de que fazia parte. Era algo maior que eu. Da mesma forma, Deus, em sua misericórdia e bondade, nos chamou para algo que supera qualquer outra convocação terrena: temos um “chamado celestial” (Hb 3.1). Saber que não estamos à nossa própria mercê e que fomos convocados por um Deus gracioso, que nos auxilia na corrida — não como seus filhos, mas como seus embaixadores —, ajuda-nos a correr com perseverança.

Se tivesse encarado tudo como uma questão pessoal enquanto terminava aquela prova de 4 × 400, eu teria desistido. Porém, saber que não se tratava apenas de mim me ajudou a avançar em meio à dor. De igual modo, a corrida da fé de que estou participando não diz respeito apenas a mim — diz respeito a Jesus. Trazer à memória que Jesus é o autor e o consumidor da minha fé, saber que sou embaixatriz do Deus vivo e lembrar que receberei ainda mais dele são coisas que me mantêm devidamente concentrada na corrida. Você e eu fomos chamados a correr, mas isso não tem a ver com nenhum de nós. Tem a ver com quem nos chamou.

Uma convocação nada fácil

Gosto muitíssimo de me manter saudável e me dedicar ao atletismo. Passei a maior parte da vida fazendo algum tipo de esporte ou ensinando às pessoas sobre atividade física. Quando me tornei adulta, não via o preparo físico apenas como um *hobby*; definitivamente, eu encarava aquilo como uma carreira. Dei aulas em academias, treinei preparadores físicos e cheguei a ser proprietária de um pequeno estúdio de ginástica.

Embora eu já não me dedique profissionalmente ao esporte, ele continua sendo uma parte importante de quem eu sou.

Aprendi que preparo físico demanda tempo, esforço e paciência; às vezes, agonizamos decepcionados; e precisamos ter muita, mas muita perseverança. Ninguém se levanta da cama, decide correr uma maratona e conclui a prova na noite daquele mesmo dia. É preciso passar meses treinando o corpo e a mente, suportando exercícios difíceis, enfrentando fracassos e vivendo uma rotina diária adequada. Ainda assim, até que se cruze a linha de chegada, pode haver um longo processo. E algumas pessoas desistem.

É a isso que se assemelha a corrida cristã. Nela aprendemos a trabalhar os músculos da devoção que resulta em santificação; esta é a nossa santa perseverança. Não creio em Deus por obrigação, mas porque posso crer nele. Problemas, lutas, desafios e mesmo a vida cotidiana tornam difícil a corrida da fé. Tive percalços, o que incluiu a morte de meu pai e minha irmã, além de quatro abortos espontâneos e diversas outras experiências e circunstâncias difíceis — de questões de saúde a relacionamentos rompidos. A vida na igreja não foi só sombra e água fresca, sobretudo porque pertença a uma minoria étnica. Durante um período bastante penoso, o arrependimento se mostrou uma tarefa diária, enquanto o alívio parecia bem distante.

Tudo isso para dizer que não será fácil. Mas você e eu fomos chamados a perseverar, a andar com dignidade e a imitar a Cristo. Somos compelidos a prosseguir na corrida em razão da obra salvadora que Cristo realizou por nós, independentemente de nossos esforços.

Algo que distingue uma prova de atletismo da corrida cristã é que, nesta, não chegamos ao fim por nossa própria força. Para concluir a corrida, não é preciso mobilizar cada

fibra de nossos músculos e repetir que “a mente tem poder sobre a matéria”. Em vez disso, dispomos de grandes promessas na Palavra de Deus que nos ajudam a perceber que ele está correndo conosco e que o Espírito Santo opera em nós, capacitando-nos a avançar. Deus detém o controle, e agarrar-nos a essa verdade nos trará descanso e paz.

Nossa força e nossas habilidades não vêm de algo que fazemos; você e eu somos fortalecidos e capacitados pelo Senhor. Muito frequentemente, porém, a vida de fé parece confusa quando pensamos a partir de nossa realidade e travamos batalhas pessoais contra o pecado e a tentação. Como conciliar as duas coisas? Somos, de fato, salvos pela graça, ou temos de trabalhar com afinco? Pode parecer necessário conquistar a salvação, como se o prêmio que nos espera na linha de chegada dependesse totalmente de nosso empenho. Ou, quem sabe, você já tenha desistido: em vez de completar aquela reta difícil, você desmoronou e concluiu que era muito complicado, doloroso ou desencorajador.

Possivelmente, depois de tentar vez após outra, você tenha experimentado a graça e agora pense que a melhor maneira de terminar a corrida seja fazendo o que lhe parece melhor. Assim, em vez de acompanhar o desenho da pista, você segue em ziguezague porque é livre para agir assim. Sim, essa liberdade existe, ainda que correr em ziguezague não seja a intenção do Mestre para você. Há até mesmo quem abandone a pista de uma vez e busque um destino diferente.

Então, o que fazer agora?

De que maneira você se vale da fé para prosseguir na luta contra o pecado? Como exatamente você enfrenta as tentações?

Você resiste mesmo? É possível empenhar-se em combater a tentação e o pecado sem tornar-se orgulhoso e sem cair na ideia de que a salvação se baseia em esforço próprio em vez de resultar da graça? É melhor lavar as mãos diante da luta aparentemente inútil contra o pecado e deleitar-se no amor e na graça que Deus oferece de forma incondicional?

Felizmente, podemos ir até a Palavra de Deus e dar algum jeito nessa confusão. Porém, há questões desta vida que só serão plenamente respondidas quando estivermos com o nosso Salvador. Visto que a Palavra de Deus tem muito a dizer, minha esperança e oração é que, ao final deste livro, você e eu tenhamos uma melhor compreensão acerca de como terminar bem a corrida.

Ainda não estou no final da prova. Estou na casa dos 40 anos e tenho um pré-adolescente e um adolescente para educar; além disso, ainda não completei nem duas décadas de casamento. Ou seja, estou no meio da corrida, aprendendo o que é manter-se na raia. Oro para que *A corrida da fé* seja um canal de graça que ajude você e a mim ao longo da jornada.

Neste livro, exploro a importância da perseverança e também a graça que nos está disponível, os desafios que enfrentamos, a busca da santidade e o prêmio que ansiamos alcançar. Você vai ler relatos sobre a vida cristã — às vezes histórias de sucesso, às vezes de luta — e sobre o que é resistir e manter-se motivado a seguir rumo a Jesus.

Deus ordena que andemos de maneira digna do nosso chamado. E diz que completará a boa obra que começou em nós (Fp 1.6). Aquele que nos chamou é fiel e “fará isso acontecer” (1Ts 5.24). A vida é um combate de fé, e vamos investigar como devemos nos exercitar espiritualmente para esse combate. Vamos examinar alguns traços de caráter — como a persistência,

a fidelidade, a paciência, o sacrifício e até mesmo a capacidade de lidar com o perigo — que se desenvolvem em nós à medida que avançamos.

Preciso informar, ainda, algo de que *A corrida da fé* não trata. Este livro não se presta a debates teológicos sobre confirmações ou constâncias; não fala sobre a possibilidade ou impossibilidade de se perder a salvação. Não vou tentar convencê-lo a acreditar em determinada doutrina. Em vez disso, vou assumir que persistiremos até o fim, o que não significa que não vamos falhar (e estou falando em falhar miseravelmente); significa que, quando chegarmos ao nosso limite, ainda acreditaremos e confiaremos na obra que Jesus Cristo terminou em nosso lugar. Ainda nos arrependemos e descansaremos nele. Vamos considerar que, se de fato depositamos nossa fé e confiança na obra de Jesus Cristo, nossa salvação está garantida.

A corrida da fé nos ajuda a espiar sob a cortina das batalhas da vida real enquanto seguimos na corrida que nos foi proposta. Há razões para que alguém não persista até o fim. E quais são elas? Alguns teólogos sugerem que, se uma pessoa não persevera, ela nunca creu de verdade. Pode ser. Mas vamos nos preparar para aquelas situações que tornam a vida difícil demais e faremos isso reconhecendo essa dificuldade em alta voz, sem constrangimento. Espero que nos demos conta de que não estamos sozinhos na batalha e que podemos perseverar pela graça de Deus.

O ponto principal

Então, sob quais pressupostos avaliaremos a perseverança? Sou adepta da perspectiva exposta no livro de teologia bíblica *The Race Set Before Us* [A corrida posta diante de nós], de